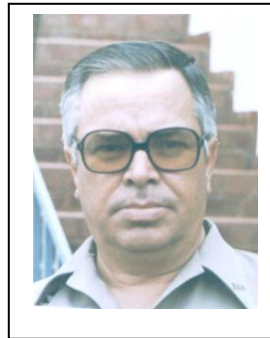


FHE **POUPEX**

A NECESSIDADE DE UMA A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE CRÍTICA DA AMAZÔNIA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008. O autor é membro da Sociedade Brasileira de Geografi

Digitalização de artigo do autor em publicação da Sociedade Brasileira de Geografia, para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa para integr o programa Pergamun de Bibliotecas do Exército.

I COLÓQUIO DA AMAZÔNIA - SBG

1 e 2 de Junho de 2003
Rio de Janeiro

Realização



Sociedade Brasileira de Geografia

A NECESSIDADE DE UMA A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE CRÍTICA DA AMAZÔNIA

Cel. Cláudio Moreira Bento

A Amazônia por sua extraordinária projeção econômica e geopolítica no 3º Milênio, esta cada vez mais ameaçada de ser, unilateralmente, em nome da "Nova Ordem Mundial", internacionalizada e declarada patrimônio da Humanidade. Ameaças reais feitas através de lideranças das grandes potências, conforme tem denunciado autoridades civis e militares brasileiras abalizadas e de grande credibilidade.

O poder econômico internacional, com seus capitais localizados nas nações do G/7 e, em especial, na única potência mundial hegemônica, os EUA, pretendem congelar a exploração das riquezas da Amazônia para colocá-las a serviço de seus objetivos, ao invés do desenvolvimento auto - sustentável da mesma, em benefício do Povo e Sociedade do Brasil e de outros povos, sem prejuízo da nossa Soberania. Mas as ameaças potenciais reais de intervenção na Amazônia existem na voz de líderes das grandes potências. E impõe-se ao Brasil fazer o seu dever de casa na Amazônia e ficar em condições de defendê-la a todo custo. E para tal será de real valor o levantamento crítico da História Militar da Amazônia e, em especial, a sua História Militar Terrestre Crítica, para ajudar a orientar melhor o esforço de defesa daquela área estratégica. E de igual forma como foi feito, a partir de 1922, o da Região Sul dentro de uma hipótese de guerra que existia.

Da projeção estratégica mundial da Amazônia e de ser ele motivo de cobiça internacional bem escreveu o Cel Gélío Fregapani especialista na em assuntos daquela área na 4ª capa de seu recente livro **Amazônia - a cobiça internacional:**

"A Verdade que poucos conhecem a AMAZÔNIA: A grande cobiça Internacional"

O Exame, ainda que superficial, do mapa demográfico mundial, mostra-nos regiões superpovoadas e regiões despovoadas.

Entre estas destacam-se o Sahara, a Antártida, as vastidões geladas da Sibéria, o norte do Canadá, o Alasca e as alturas nevadas do Tibete ou alguns outros maciços. E a Amazônia! Todas estas regiões são praticamente inabitáveis, exceto a última. Levando-se em conta a explosão demográfica mundial, a terra desabitada, mas habitável, será objeto cobiçado. E se for a única, corre perigo, independentemente do consenso ou dos tratados.

Ante essa realidade, manifestam-se pressões, baseadas em concepções forjadas, segundo as quais, acima das fronteiras nacionais, está o interesse da humanidade. Nossa Amazônia, com sua riquíssima biodiversidade, água abundante e vastíssimas riquezas minerais ainda inexploradas é, naturalmente, motivo de grande inquietação. A demanda por novos espaços vitais em consequência da superpopulação mundial agrava as nossas preocupações.

Para complicar tal situação, a descoberta recente de incríveis jazidas minerais ameaça os cartéis e pode alterar radicalmente a ordem econômica mundial, fazendo a balança pender a favor do Brasil. Já conhecemos demonstrações de difícil aceitação dessa realidade. Certamente, os senhores do poder mundial cogitarão de usar todos os meios para impedir tais circunstâncias favoráveis ao Brasil.

E serão capazes até de atos de beligerância conforme registra a história da humanidade. Trata-se de um perigo potencial real e imediato. Urge prevenir tal risco para que as nossas novas gerações do 3º Milênio não precisem recorrer às armas, na defesa da integridade nacional. Disto decorre a importância do estudo da História Militar crítica da Amazônia que passaremos a tentar justificar.

Camões o poeta soldado em Lusíadas já afirmava esta verdade:

"A Disciplina Militar prestante (leia-se Doutrina Militar) não se aprende senhores na fantasia senão vendo (estudo da História Militar), tratando (exercitando-se) e pelejando (experiência de combate)."

E grandes capitães da História têm reafirmado a importância do estudo crítico da História Militar e não da História descritiva.

Foi do Mal Ferdinand Foch, o comandante da vitória aliada na 1^o Guerra Mundial esta afirmação como professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França, de onde saiu para comandar os aliados:

"Para alimentar cérebro (Comando) de um Exército na paz, para prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em meditações e lições do que o da História Militar."

Do pensador militar brasileiro Cel J.B Magalhães, patrono de cadeira na AHIMTB, ao prefaciando o livro do Cel Amerino Raposo Filho. Caxias e os nossos problemas militares. (Rio de Janeiro: SGEEx, 1969 - série subsídios doutrinários):

"Tudo o que existe deriva do que existiu antes. E isto que dá valor positivo aos registros da História, permitindo elaborar-se uma doutrina capaz de orientar com acerto as atividades humanas."

E o livro da História Militar crítica da Amazônia não existe, como o do Sul, iniciado em 1922, pelo patrono de cadeira na AHIMTB, General Augusto Tasso Fragoso, ao estudar criticamente a batalha do Passo do Rosário, circunstância pelo qual tem sido considerado o Pai da História Militar crítica no Brasil.

Isto, atendendo a conselhos da Missão Militar Francesa de que a Tática, a Logística e a Estratégia brasileiras possuíam seus fundamentos na História Militar Terrestre do Brasil. E nestes últimos 80 anos a prioridade foi o Sul. E vários historiadores do Exército, hoje patronos de cadeiras ou acadêmicos da Academia de História Militar Terrestre se debruçaram sobre estes estudos.

A Amazônia é um deserto de estudos críticos de História Militar Terrestre do Brasil por historiadores militares. Dos civis que tem escrito sobre o tema descritivamente privamos com os sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Artur César Ferreira Reis, Marcos Carneiro de Mendonça, Silvio Meira, Vicente Tapajoz e Leandro Góes Tocantins. Os quatro primeiros falecidos e com valiosas obras a apoiarem estudos de História Militar Terrestre crítica da Amazônia. E de todos, suas obras constam do Dicionário de Historiadores Brasileiros, editado em 5 volumes pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Existem também "historiadas" da Amazônia segundo o Cel Jarbas Passarinho. Estudo valioso se constitui o do General Carlos de Meira Mattos, "Uma geopolítica para a Amazônia".

Em 1973, produzimos plaqueta **Centenário do Libertador do Acre Plácido de Castro, que foi editada pela SUDAM e distribuída amplamente pelas escolas da área a pedido do Cel. Milton Câmara Sena**, superintendente da SUDAM. No mesmo ano, como membro da Comissão de História do Exército Brasileiro, a convite do General Adauto Bezerra de Araujo, Brigadeiro Faria Lima e Governo do Acre lá pesquisamos por uma semana a campanha militar pela libertação do Acre por Plácido de Castro liderando cearenses. E constatamos muitas originalidades guerrilheiras, ao entrevistarmos ex-combatentes, com o sargento Feitosa, mateiro de Plácido, ao qual ele deu sua bússola e o homem que cortou a corrente que barrava a navegação em Porto Acre. Enfim luta cheia de ensinamentos para a defesa da área. A mais singular era o navegar-se na selva, abrindo-se picadas novas para evitar-se os caminhos entre os seringais sujeitos a emboscadas etc. Nela Plácido de Castro liderou a resistência vitoriosa contra o **Bolivian Syndicate**, formado por capitais privados americanos e ingleses, um autêntico Cavalo de Tróia, sedento para dominar as fontes de produção de borracha da Amazônia com apoio em força armada. Mas ficamos livres desta ameaça séria.

Julga-se que muitos fatos relacionados com a História Militar Terrestre da Amazônia tiveram seus registros perdidos. Estima-se que em torno de Tefé aconteceram fatos militares importantes. As lutas militares e diplomáticas que culminaram com a incorporação do Acre ao Brasil e fixação dos limites do Brasil no Amapá, no rio Oiapoque são ricos em meditações e lições a serem colhidas. A Revolta da Cabanagem e a impunidade de seus adeptos motivada pela ausência do Estado na imensa área amazônica, a estimulava, e poderia ter sido vitoriosa e dominar a foz da Amazônia com a interferência francesa a partir do Amapá, se mais capacidade intelectual, militar e política tivessem suas lideranças. Mas ela ameaçou seriamente a Unidade do Brasil na Regência. A abordamos em **Lutas internas no período monárquico e a ação de Caxias**, elaborado para o ensino a distância para o Curso de Preparação à Escola de Estado Maior do Exército e o divulgamos em **Caxias e a Unidade Nacional**, no site da Academia de História Militar Terrestre. A reação vitoriosa liderada no Amapá em 1895, sob a liderança de Cabralzinho, em desrespeito a nossa Soberania ali, por uma Companhia de Infantaria Francesa transportada por uma canhoneira, a abordamos, no **Noticiário do Exército**, n^o 8430 de 1^o de maio 1992, sob o título: "O combate da Vila Amapá de 15 maio de 1895."

A própria documentação relativa ao Forte Príncipe da Beira era desconhecida. E sobre ele em seu bicentenário conseguimos escrever só uma página no **Letras em Marcha** em setembro de 1976. Abordagem que repetimos ampliada em 1982 no álbum a **História do Brasil através de seus fortes**, editada pelo GBOEX. Até então existiam dúvidas sobre de onde vieram as pedras para construção das muralhas. Forte só abordado em 1985 com o trabalho bilingue **Real Forte Príncipe da Beira**, patrocinado pela Odebrecht de autoria do acadêmico da AHIMTB, Cel José Maria de Souza Nunes. Forte que de esquecido e abandonado foi redescoberto pelo Marechal Rondon coberto pela selva. E em suas ruínas estava esta placa testemunha do espírito que presidiu a epopéia de sua construção:

"A Soberania e o respeito de Portugal impõem que neste lugar se erga um forte. E isto são obra e serviço dos homens de El - Rei de Portugal, nosso Senhor e, como tal, por mais duro, por mais difícil e por mais trabalho que isso dê, é serviço de Portugal e tem de se cumprir!"

E assim foi tudo bem cumprido. E ele hoje ainda lá se encontra!

Resgatamos a história do Forte São Joaquim do Rio Branco, em Roraima na **Revista Militar Brasileira** v.106, jan/jun 1975, p.51-54.

Os fortes da Amazônia constituíram um arco de proteção da Amazônia da cobiça estrangeira e colocados estrategicamente nos acessos fluviais aos rios da nossa Amazônia: No Guaporé, o Príncipe da Beira; o Tabatinga ,no Solimões; os Marabitanas (Cucuí) e São Gabriel, no Rio Negro; o São Joaquim, na confluência dos formadores do Rio Branco; os do Presépio e Macapá na foz do Amazonas. E, aprofundando as defesas no interior do vale, os fortes de Santarém, São João da Barra, dos Óbidos, do Desterro e Toere.

Sendo a História Militar da Amazônia um Laboratório de Táticas, da Logística e da Estratégia, para a sua defesa, impõe-se com urgência, salvo melhor juízo, um estudo histórico militar crítico integrado pelas nossas FFAA de todos os conflitos internos e externos que a envolveram. Gostaríamos de conhecer proposta documentada que demonstre desnecessários os estudos que aqui sugerimos.

É do presidente Medici esta declaração feita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ao ser empossado seu Presidente de Honra em 3 de junho de 1970.

"Não se governa bem sem História e historiadores! Aqui podemos afirmar que não se governa bem sem História e historiadores. E nós brasileiros, podemos dizê-lo melhor do que ninguém, pois, pacificamente, nenhum país cresceu mais do que o Brasil, pela pesquisa e análise de nossos historiadores."

Mas a esta necessidade se contrapõe o desprestígio da História Militar por haver sido ministrada de forma descritiva e não crítica na Escola Militar. Inflexão que teve início efetivo com o General Álvaro Cardoso, como chefe da cadeira de História. Visão dinamizada pelo Cel Francisco Ruas Santos e que acreditamos tenhamos ajudado a consolidar em 1978 com os livros textos bastante ampliados editados com apoio do EME, graças ao então Coronel Alberto dos Santos Lima Fajardo: História da Doutrina Militar; História Militar do Brasil e, de nossa autoria exclusiva, o manual Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro, ora reeditado pelo Estado -Maior do Exército e distribuído as ECEME, ESAO, ECEME, EME e AHIMTB. Livros até hoje usados como livros textos.

Mas o perigo do estudo da história descritiva, em detrimento do estudo crítico, à luz dos fundamentos da Arte do Soldado tem sido sempre uma ameaça por ser aquela a linha de menor resistência.

Para enfrentar militarmente as ameaças potenciais sobre a Amazônia, existem as soluções que objetivam integrar e desenvolver a Amazônia, com a preservação ambiental e das comunidades indígenas: SUDAM, Zona Franca, Pacto Amazônico (ainda em intenções e se impõe que seus países signatários o implementem), FUNAI (demarcando reservas), Calha Norte (em revitalização depois de abandonado pela Sociedade Civil a míngua de recursos e só com presença militar), SIVAM (uma agradável realidade) e implantação de malha rodoviária integradora pelo Exército e a criação prevista em Manaus de um Centro de Biotecnologia.

Na falha ou fracasso de todos estes planos, por falta de cooperação internacional sincera e caso houver intervenção militar é de se esperar o apelo à guerrilha, a estratégia do fraco contra o forte, de que o nosso processo histórico é rico de exemplos. Solução estratégica esta em grande parte responsável pelo delineamento, conquista e definição e manutenção das dimensões continentais do Brasil. Solução inspirada no pensamento militar português decorrente de seu ideal político de dilatar a Fé e o Império e tão presente e vivo em Os Lusíadas de Camões, o poeta soldado e assim interpretado pelo historiador Gen Paula Cidade:

"Julgada a causa justa, pedir a proteção de Deus e, atuar ofensivamente mesmo em inferioridade de meios". Deste pensamento dominante deu imortal exemplo o Cel Ricardo Franco, construtor do Forte de Coimbra, que atacado por poderosa força invasora em 1801, não rendeu-se e assim respondeu ao ultimato inimigo:

"A inferioridade numérica foi estímulo que sempre animou os soldados luso-brasileiros a não abandonarem seus postos e a defendê-los até as últimas consequências. Ou repelir o inimigo, ou sepultarem-se debaixo das ruínas dos fortes, cuja defesa lhes confiaram".

Mais tarde, em 1865, próximo o Ten Antônio João e seus bravos resistiram a uma avassaladora invasão e a ela fez frente justificando -se:

"Eu sei que morro, mas o meu sangue e os de meus comandados servirão de protesto solene contra invasão do solo sagrado da minha pátria".

Nas guerras holandesas a resistência durante 30 longos e sofridos anos foi com base na estratégia do fraco contra o forte - a guerra de guerrilhas, chamada entre nós de guerra de Emboscadas e na Europa pelos inimigos de Guerra Brasília. A diferença entre a estratégia luso-brasileira e a holandesa foi assim estabelecida por Antônio Dias Cardoso, o mestre da Emboscada e tático e estrategista da Insurreição pernambucana 1645-54 e atual denominação histórica do batalhão de Forças Especiais do Exército, ao responder a um oficial inimigo que lhe disse que venceriam o próximo confronto por que lutariam dispersos como os patriotas. Ao que ele respondeu: ***"Melhor para nós, pois cada soldado nosso é um capitão, e cada soldado de vocês necessitará ao lado um capitão que o obrigue a combater!"***

Esta resistência onde despertou o espírito de Exército e de nação brasileira, definiu o destino do Brasil: **"o de ser um só e não dois ou três hostis entre si"**, segundo o sociólogo Gilberto Freyre, como deputado federal.

Em 1763 e 1774, duas invasões do Rio Grande do Sul, pelo litoral e pela campanha terminaram por controlar 2/3 daquele território. Para expulsá-los mais uma vez recorreu-se à resistência com a estratégia do fraco contra forte, a guerra de guerrilhas, desde então conhecida como Guerra à gaúcha e consequência da seguinte diretriz emanada do Rio de Janeiro às fracas forças do Sul:

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas, localizadas nos passos dos rios e arroio e nas matas. Desses locais sairão encaço dos invasores, para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes as suas cavalhadas, gados e suprimentos e ainda trazer-lhes em constante e contínua inquietação."

E a esta estratégia muito se deve à definição do destino brasileiro no Rio Grande do Sul. Ações bélicas que estudamos em **A guerra da restauração do Rio Grande do Sul**, BIBLIEx, em que respondemos a quesitos formulados pelo Estado - Maior do Exército. Nela consagrou-se o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, o 1^o general brasileiro na área do Comando Militar do Sul, e personagem de Érico Veríssimo em **O Tempo e o Vento**. Aprendeu este tipo de guerra Plácido de Castro como major federalista e dela muito tirou proveito para sua luta que culminou com seu êxito militar no Acre.

Foi com a guerrilha que Cabralzinho resistiu ao controle do Amapá em 1895, por uma Companhia de Infantaria francesa que ele de lá expulsou.

Foi valendo-se da guerrilha, conta a guerrilha, que o Duque de Caxias pacificou a Balaiada em 1838 no Maranhão e a Farroupilha em 1845 no Rio Grande do Sul. Não pode ser olvidada a guerra de guerrilhas movida por Pedro Teixeira para expulsar invasores europeus do Estuário e Baixo Amazonas e de como a resistência ali, dos Cabanos, usando a guerrilha, prolongou-se por anos a fio. Hoje a resistência na Amazônia contra forças invasoras esmagadoramente superiores, segundo estudiosos brasileiros, seria a Estratégia da Lassidão:

"Lassidão, estratégia do fraco contra o forte em que o fraco valendo-se de alguns fatores em seu favor reage no campo militar, evitando um confronto decisivo contra uma esmagadora superioridade militar, enfraquecendo-lhe, assim, a vontade de combater, visando a obter na opinião pública do inimigo, forte pressão sobre o seu Congresso no sentido de suspender as ações armadas."

A coluna Miguel Costa/Prestes foi uma variante da Lassidão, bem como a Revolução de 1923, no Rio Grande do Sul.

Sinceramente confiamos nos povos e parlamentos das grandes nações, onde algumas lideranças imperialistas falam em internacionalizar a Amazônia e desconsiderar a Soberania que sobre ela exercem o Brasil e seus vizinhos.

Que estes povos e parlamentos do G-7 não deixem repetir-se na Amazônia, os dramas vividos por filhos dos EUA e França no Viet Nã, Indochina e Argélia. Valeu o preço pago no Viet Nã? A perda de 46.000 jovens mortos, 300.000 feridos, 1800 desaparecidos e de dezenas de milhares desajustados e em maioria das classes mais humildes?

Não existirão formas democráticas de estas nações democráticas apoiarem a integração e desenvolvimento sustentável com preservação ecológica da Amazônia, sem ferirem as soberanias das nações donas do território? Alerta Sociedade Civil e Mídia!

Hoje, ingleses holandeses e belgas já trazem em seus carros adesivos com a frase: Você já matou hoje o seu brasileiro? Isto fruto da caluniosa satanização do Brasil pela Mídia Internacional a serviço do poder econômico mundial que a controla! Confira!

Por tudo isto se impõe como medida preventiva um estudo da História Militar crítica da Amazônia para dela extrair-se lições de Tática. Estratégia e Logística. E assim não

continuar a justificar-se o seguinte pensamento de um pensador militar vivo que não autorizou revelar seu nome:

"A História de nossa História Militar deixou em sua esteira um monte de escombros de fracassos, equívocos, frustrações, marginalização de especialistas no assunto, falsas interpretações de seu real valor, teorias de História Militar e de diretrizes específicas bem formuladas, mas não implementadas na prática, indiferença, desativação ou desvios das instituições ou seções criadas para preservá-la e explorá-la criticamente a serviço do alavancamento doutrinário de nossas Forças Armadas, com apoio na vitoriosa experiência militar brasileira de quase 5 séculos. Esta, riquíssima, mas inexplorada, e em grande parte responsável pela conquista e manutenção de um Brasil de dimensões continentais que não é obra de um milagre, como querem alguns".

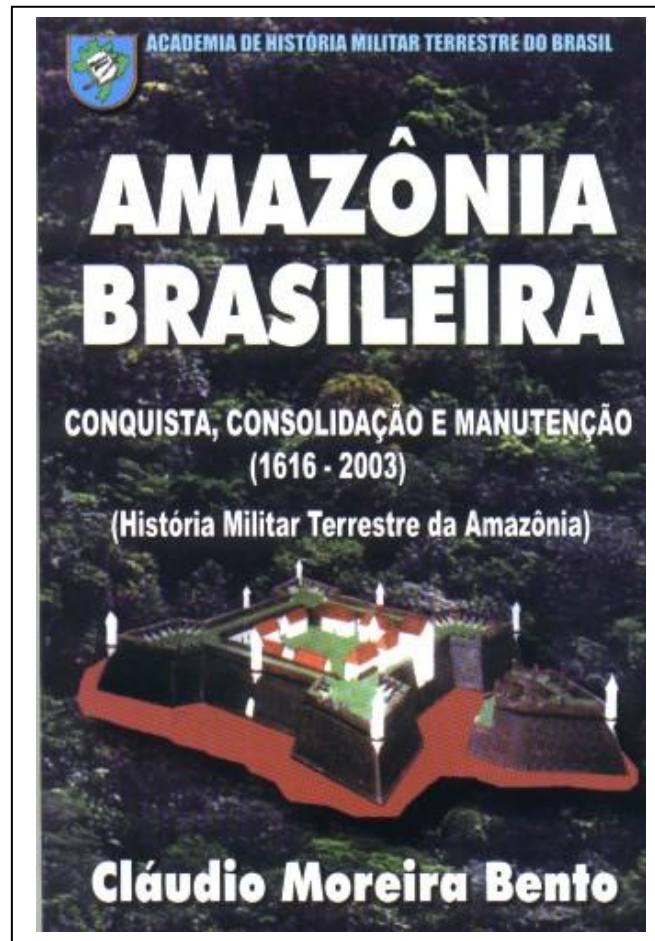
Urge que este quadro seja revertido no 3º Milênio! E isto é tarefa para patriotas antenados nos interesses nacionais.

Temas para estudo crítico da História Militar Terrestre da Amazônia.

Numa pesquisa preliminar da História Militar Terrestre da Amazônia levantamos os seguintes eventos a abordar como ponto de partida.

- 1- RECONHECIMENTOS E EXPLORAÇÃO MILITAR
- 2- FUNDAÇÃO DO FORTE DO CASTELO
- 3- LUTAS COM HOLANDESES NA FOZ DO XINGU 1615
- 4- LUTAS COM INGLESES E IRLANDESES NO ESTUÁRIO DO AMAZONAS
(Nos canais sul e norte do estuário do Amazonas) 1616-31
- 5- A CONQUISTA DA AMAZÔNIA PELO CAP PEDRO TEIXEIRA 1639
- 6- A FUNDAÇÃO DE MANAUS
- 7- A EXPLORAÇÃO DA AMAZÔNIA POR RAPOSO TAVARES
- 8- LUTAS COM FRANCESES NO AMAPÁ 1697 -1713
- 9- LUTAS EM TORNO DE TEFÉ, COARI ,FONTE BOA.SÃO PAULO DE OLIVEIRA
COM ESPANHÓIS E ÍNDIOS CAMBEBA 1709-1710
- 10- A GUERRA DE AJURICABA NA AMAZÔNIA 1723 -27(Nos vales dos rios Negro e
Branco com índios
apoiados por holandeses) 11-0 TRATADO DE MADRID
DE 1750 NA AMAZÔNIA E SUA DEMARCAÇÃO
- 12- O ESTABELECIMENTO DE FORTIFICAÇÕES NA AMAZÔNIA
- 13- A PROJEÇÃO POMBALINA MILITAR TERRESTRE NA AMAZÔNIA
- 14- LUTAS COM FRANCESES NA GUIANA FRANCESA1808-17
- 15- AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA NA AMAZÔNIA (Agitações em Belém,
Cameta, São Caetano de Olivença e Monte Alegre)
- 16- A CABANAGEM NO PARÁ 1834-40
- 17- O COMBATE A INTRUSÃO FRANCESA NO AMAPÁ 1895
- 18- A CAMPANHA MILITAR NO ACRE 1900 -03 (Contra os interesse de capitais
norte - americanos e ingleses do Bolyvian Sindycate)
- 19- INCIDENTES MILITARES NA FRONTEIRA PERUANA
- 20- LUTAS AUTONOMISTAS NO ALTO PURUS E JURUÁ
- 21- REAÇÕES EM MANAUS ÀS POLÍTICAS DE SALVAÇÕES NACIONAIS
- 22- REVOLTAS EM MANAUS De 1913 e 1917
- 23- A REVOLTA TENENTISTA NA AMAZÔNIA 1924
- 24- A DEFESA TERRITORIAL DA AMAZÔNIA NA 2ª GUERRA MUNDIAL
- 25- CONTRIBUIÇÃO DAS BASES AÉREAS DE VAL DE CANS E MACAPÁ PARA A
VITÓRIA ALIADA NA ÁFRICA, EUROPA E ORIENTE MÉDIO

26- A CONTRIBUIÇÃO DOS SOLDADOS DA BORRACHA DA AMAZÔNIA PARA A VITÓRIA ALIADA NA 2 GUERRA MUNDIAL



A obra acima procurou responder ao título desta matéria. Ela está disponível para ser baixada em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB. www.ahimtb.org.br